

BC vai negociar dívida externa

O Banco Central poderá utilizar a dívida externa de 415 milhões de dólares — excluídos 40 milhões de dólares que o Comind tomou de sua própria agência de Nova Iorque — do Auxiliär, Comind e Maisonnave como instrumento de barganha com os bancos credores, na próxima etapa de renegociação da dívida externa brasileira, afirmou ontem o presidente do BC, Fernão Bracher. Embora negasse ameaça de retaliação dos bancos credores, Bracher disse que a dívida de 415 milhões de dólares será passível de negociação com os banqueiros internacionais, desde que o eventual acordo seja conveniente aos interesses nacionais para a rolagem global dos compromissos externos do País.

“Não pedi nenhum tratamento especial para os créditos externos, o que não significa que não pedirei amanhã. Os bancos estrangeiros assumiram riscos ao emprestar a bancos privados nacionais e a União não concedeu qualquer aval para esses créditos. Mas, se for vantajoso para o País, o Governo pode examinar alternativa que viabilize solução aos compromissos em moeda estrangeira dos bancos em liquidação. Por exemplo, no caso do Brasil precisar de dinheiro novo, a questão da dívida externa de difícil realização poderá fazer parte da negociação. O Brasil não pode deixar de explorar todos os instrumentos de barganha” — explicou.

Segundo ele, “alguns banqueiros telefonaram assustados, tristes, descontentes com a

decisão do Governo brasileiro de negar qualquer garantia à dívida externa dos bancos em liquidação, mas não recebi ameaça de retaliação”. O presidente do BC ressaltou que, para evitar maior tensão no exterior, foi importante a postura do Governo brasileiro de assumir, através do Banco do Brasil, a cobertura das linhas interbancárias e comerciais — dívida de 162 milhões de dólares líquidos — contraídas pelas agências do Comind e do Auxiliär em Nova Iorque.

Após o impacto das suas palavras da véspera, interpretadas por alguns banqueiros como prejuízo irremediável de 455 milhões de dólares, Bracher repetiu ontem, por diversas vezes, que “tudo é negociável e continua em aberto” para solucionar os casos Comind, Auxiliär e Maisonnave. No exame de futuras opções, o BC pode pagar lá fora aos credores iniciais 40 milhões de dólares que o Comind e o Auxiliär mantêm em depósito no próprio Banco Central.

PRISÃO

Bracher informou também que vai cumprir “a obrigação” de apurar as responsabilidades civis e criminais, em toda sua extensão, dos ex-administradores dos grupos Comind, Auxiliär e Maisonnave para lastrear eventual ação penal, em procedimento idêntico ao do Brasilinvest, quando a prisão preventiva de seu ex-presidente, Mário Garnero, foi requerida pela Procuradoria Geral da República.

COPIADO DA MALETA DO
SAC DO BANCO CENTRAL
DO BRASIL
1964